

**ENTREVISTA COM GLEUDSON PASSOS CARDOSO¹****Entrevistadores:**Beatriz Batista de Araújo Lima²Jardênia Fernandes Maia³Maria das Candeias Vito⁴**Transcrição:**Clara Beatriz Oliveira Moreira⁵Sabrina Menezes da Silva⁶

Gleudson Passos Cardoso é mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica PUC-SP (2000), doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense PPGH/UFF (2009) e pós Doutor em História Medieval pela Universidade do Minho/UMINHO (2017). Atualmente, é Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no Curso de História, no Mestrado Acadêmico em História/MAHIS (2009 - 2016) e no Programa de Pós Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE). Possui trabalhos nas áreas de Cultura e Poder, Cultura e Cidade, Literatura Medieval, Turismo Cultural e Patrimônio Cultural.

¹ Entrevista realizada virtualmente, no dia 16 de agosto de 2024, como uma atividade proposta pelo grupo PET/MEC de História da FAFIDAM/UECE. A atividade visa a realização de entrevistas com Historiadores cearenses, de diferentes vinculações teórico-metodológica, com a finalidade de fazer o registro de suas trajetórias acadêmico-profissionais, principalmente no campo da pesquisa e do ensino.

² Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6743-7823/print>. E-mail: Bia.batista@aluno.uece.br.

³ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6003903749158737>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6722-7792>. E-mail: jardenia.maia@aluno.uece.br

⁴ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4982951856453041>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9981-8330>. E-mail: candeiras.rodrigues@aluno.uece.br.

⁵ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3438557612155890>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6652-2249>. E-mail: bea.moreira@aluno.uece.br.

⁶ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2740945597800815>. Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0009-4759-3839>. E-mail: sabrina.menezes@aluno.uece.br.





1 Primeira parte: Trajetória pessoal

BBAL - *Inicialmente gostaríamos que você nos falasse sobre sua infância/adolescência, sua família e sua vida escolar.*

GPC - Tá bom, então, obrigado, quero agradecer ao Pet História da Fafidam, que eu tenho muito carinho, desde a minha época de petiano, já faz um bom tempo, nos anos 90. A gente tem uma interlocução desde a época que eu era petiano e a época, acho que era o professor Daniel Pinheiro, se não me engano. E depois tive, na Fafidam algumas vezes, a convite do pet. Então, quero agradecer essa confiança depositada na minha pessoa. É um prazer estar aqui com a Bia, a Jardênia e a ideia. Dizer que é uma iniciativa fascinante, essa do pet, tá utilizando o recurso do canal digital, do YouTube, pra poder levar os debates historiográficos, que fica, muitas vezes, restrito a um pequeno grupo.

Bom, então, minha infância é sério? Eu sou filho da classe trabalhadora, filho do subúrbio de Fortaleza. Nasci e me criei no bairro João 23, perto do Rique Jorge, bom sucesso, nessa área aí, região da Parangaba, lá foi a minha infância. Então, como todo garoto do subúrbio, filho de sertanejos, o pai nascido em Cascavel, a mãe nascida em Granja. Minha infância foi nos anos 80. Então, foi brincando na rua, de bila, raia, não tem muito encanto, não. Não foi com balão mágico, show da Xuxa, não. Foi brincadeira de rua, de moleque, correndo, como a gente dizia, arrancando o chaboque do dedo, né? E assim, acho que da minha infância, uma das coisas que mais me marcou foi quando, aos 9 anos de idade, meu pai voltou mais cedo de casa do que era de costume. E ali ele havia sido demitido, ele era veterinário e isso repercutiu com a época do governo Tasso.

O governo Tasso retirou dinheiro da agroindústria e começou a investir no setor industrial, no parque industrial, infraestrutura e tal. Então, assim, meu pai, naquela época, eu não entendia, mas na época, eu senti como se a vida tivesse começado a me despertar para a consciência dos acontecimentos. Então, com 9 anos de idade, já fui inserido, a infância já não foi tão doce e eu comecei a entender o que é a realidade cotidiana. Pronto, aí eu acho que foi o divisor de águas. Eu acho que o materialismo histórico, sem querer eu fiz uma



leitura do materialismo histórico, das relações sociais, que você precisa trabalhar para pagar as contas, então foi por aí.

E a minha adolescência, nossa, a minha adolescência foi um pouco transgressora, gente. Eu andava com os punks, com os headbangers, pessoal que curtia heavy metal, pesado, tive banda, entendeu? Fui de um núcleo anarquista chamado NCCL, até o professor Damarceno trabalhou com esse núcleo depois, tudo naquelas imediações. Na adolescência também foi através desse mundo underground, foi onde eu conheci, aos 16, 17 anos de idade, TV, não tinha muito o que fazer, não tinha muito acesso, não tinha como comprar os recursos da classe trabalhadora, coisas básicas, tipo videocassete, hoje é básico, na geração de vocês, mas na época era um luxo você ter um som que a gente chamava 3 em 1, tocava o radiolo, tocava o som, o disco, o cassete. Quando veio o CD já era 4 em 1.

Enfim, essas coisas materiais que eu tive pouco acesso, nessa época eu comecei a entender mais ainda essa relação com o trabalho, com as privações, a realidade social. Então, acho que isso, pouco a pouco, da infância a esse momento, foi me puxando para a história. Na verdade, para entender o cotidiano, entender as relações sociais, entender que somos perpassados por um tempo e pelos dilemas de cada tempo, de cada época. E eu também tive acesso na adolescência aí sim alguns livros, não tinha acesso a videocassete, mas tinha acesso a bibliotecas. Biblioteca do bairro, da associação dos moradores do bairro João XXIII, lá a gente, os meninos do subúrbio, os adolescentes, a gente fez um grupo lá chamado Centro de Estudos Dialéticos, CEDI. Acho que ninguém sabia nem o que era dialética, mas deu esse nome aí. E a gente lia de tudo, lia de tudo, lia de filosofia, de Marx, Nietzsche, a primeira vez que eu li Nietzsche, eu tinha 16 anos de idade, não entendi nada.

Nietzsche, é difícil você já compreender com alguma leitura, imagina com 16 anos, sem nada. Marx, lia sobre espiritismo, era tanta coisa, cada doido, cada um com o seu universo de leitura, tinha punk, tinha gente do heavy metal, tinha pessoal do espiritismo, tinha anarquista, tinha não sei o quê, então cada um trazia a sua leitura, e a gente, aos finais de semana fazia isso, fazia o que a gente faz hoje na faculdade, lia na semana e no final de semana ia debater, dialogar, aí depois ia ouvir som, ia ouvir rock, então a minha adolescência foi um pouco por aí, quando eu entrei na faculdade, uma porrada de coisas, sobretudo dessa área da filosofia, principalmente a filosofia crítica, eu já havia tido contato, quando eu entrei



na faculdade eu já havia tido contato através do SED, e dos grêmios literários também que eu fiz parte, o Lato Sensu, e depois já na faculdade, a Academia da Incerteza, aí já tem mais a ver com literatura, com produção literária, chegou uma época da minha vida que eu me dediquei a isso. então acho que para começar foi isso, minha família da classe trabalhadora, tipicamente de Fortaleza, do subúrbio, descendente de imigrantes, de retirantes da seca, do sertão, e é por aí, acho que não tem muita novidade não.

MCV- *No período de sua infância/adolescência você já cultivava o hábito da leitura?*

GPC - Sim, hoje eu fazendo uma comparação, eu lembro que era um pouco frustrante para mim como adolescente ver alguns colegas de bairro, no final de semana faziam uma viagem, aquelas coisas de adolescente, hoje você tem a rede social para dizer “olha, estou aqui, estou viajando, fui não sei para onde”. Então, não tive muito isso, então a opção que eu tinha era ler. Fui ler e com essa coisa de leitura me acostumei, é tanto que esses dias alguém me falou “cara, tu não se sente só?” eu disse, “cara, é impossível se sentir só com quase dois mil livros em casa, não tem como”. Se você pega um livro, senta, amigo, tu já era, já tem um interlocutor ali para ficar na tua ideia um tempão, você quebrando cabeça com isso, então não dói, sabe, comigo não dói ler, faz parte do hábito, e ler de tudo também.

JFM - Quando adolescente/jovem você participou de algum movimento comunitário de caráter religioso e/ou político-social?

GPC - Movimento religioso, não, até tentaram, mas desistiram muito cedo de mim e ainda bem. Mas movimento político, como eu falei, nos anos 80 e 90, participei de grupos, de núcleos anarquistas, comunas como a gente chamava, mas as comunas que eu participava eram mais de leitura, não era de ocupação, como depois várias existiram, e já existiam naquela época algumas, era mais essa coisa da leitura. Então, Malatesta, Daniel Guerrin, Bacunini, esse pessoal a gente já fazia leitura, Bacunini e outros, mas basicamente esse. O Kropotkin também, anarquistas russos, italianos, Proudhon francês, a gente não lia o original, lia traduções e debatia, tentava praticar alguma coisa do que a gente tinha como,



tanto quanto ideologia, quanto ideário de mundo, de sociedade, e tentava fazer algum trabalho de base, a verdade é essa.

Eu lembro de um que a gente fez no mutirão, o pessoal hoje chama aquela área lá de sem teto, os antigos sem teto, lá no Bom Sucesso, então teve uma época lá que com os amigos, aí já foi mais recente, eu não fazia nem parte mais de um grupo desse não, era já professor da Unifor, início dos anos 2000, tinha um grupo chamado Grilo, participei de algumas reuniões e a gente ajudou a fundar um museu comunitário, da classe trabalhadora, tendo referência e memória daquele momento de ocupação do território e da disputa urbana. Então a gente trabalhou muito isso e houve a construção desse museu comunitário, foi uma experiência bacana.

BBAL - *Antes de ingressar no curso de História, você viveu alguma experiência de trabalho remunerado?*

GPC - Trabalho remunerado, eu tive sim. Como eu falei, a minha infância, adolescência, a infância não foi fácil, a adolescência menos ainda, então eu com 12 anos de idade já, o que eu fazia? até para comprar algumas coisinhas para mim mesmo, porque lá em casa só tinha um básico. 12, 13 anos de idade eu dava aula de reforço escolar, para os meus primos, para crianças do infantil, do ensino primário, aí eu dava reforço escolar e tirava uma grana, geralmente eram primos, e depois meninos das redondezas. E olha, vou mentir não, isso aí eu fiz durante um bom tempo, dos 13, 14 anos de idade até os 19, já na faculdade e fazia dois salários mínimos sem sair de casa, só dando aula, reforço escolar. Ajudava em casa, inclusive. Teve uma época que eu lembro que eu ajudei em casa. Aí teve um outro momento, no meio disso, meu pai desempregado, aí ele inventou de vender frango, vender ovos, sabe, depósito de frango e ovos. Então eu chegava do colégio e ajudava. Na parte da manhã eu ia para a escola, à tarde eu ficava nesse depósito aí para vender ovos, e à noite era entregando frango no meio do mundo, eu e ele. Vocês já ouviram uma expressão chamada civilation? Pronto, era o que a gente fazia, o civilation. E dava certo. E estamos aqui. Não caiu pedaço, não.



2 Segunda parte: Trajetória profissional

MCV - Como surgiu o seu interesse pela História?

GPC - Meu interesse pela história surgiu pelas conversas, assim, que me fez decidir escolher fazer História, estudar História. Confesso que eu nunca imaginava fazer uma faculdade de História. Na adolescência eu queria fazer Odonto. Queria fazer na área da saúde, eu acho que mais por influência do meu pai que era veterinário, e minha mãe que era enfermeira. Mas o primeiro vestibular que eu fiz, para farmácia, mas fiz para enfermagem também, levei pau nos dois. Aí depois fiz um exame, que a gente chama de aptidão, no pré-vestibular PNV aqui da UFC, Curso da História. Aí sinalizou letras, Psicologia ou História. E nessa indecisão eu fui disso, quem falou foi a moça que aplicou o teste para mim, a moça da Psicologia. Ela disse “olha, História, Psicologia e Letras”. Aí eu “poxa, e agora? São três coisas que eu gosto”. O que consegue abarcar tudo isso? Eu disse, olha, é História. Então pronto, faz História. Aí eu fiz e passei de primeira. E isso aí foi um dos elementos, digamos assim, mais pontuais e pragmáticos.

Agora, ao longo da minha formação, que a nossa formação vem desde a infância, vocês lembraram bem, é importante essa coisa da trajetória, você está falando para que cada autor, cada professor, pesquisador, fale da trajetória, porque isso interfere nas escolhas, a infância, a adolescência. E eu tive uma relação com a História, proximidade, principalmente por gostar de ouvir. Eu sempre fiz questão de ouvir muito os idosos, os velhos, sobre o passado, meus avós e como eram as coisas do sertão, não sei o quê, parará. E aqui na cidade, moradores de Fortaleza, mais antigos, me falando como era a cidade, tudo, até hoje. Se tem uma roda de senhores de 80, 90 anos, eu estou lá no meio, sabe? E trocando ideia, conversando. Converso mesmo, pergunto, saber como era, detalhes. Eu moro aqui no Benfica, os velhinhos daqui tudo me conhecem. Eu fico perguntando como era e eles me falam que aqui era cheio de rios, pequenos córregos.

O canal do Jardim América aqui, por exemplo, que faz a divisa do Jardim América com Benfica, era um riacho que foi reaproveitado e fez um canal ridículo, horrível. Então eles me falam muito disso. E dói saber que a gente tinha aqui em Fortaleza uma floresta de



mata ciliar perfeita, linda, né? Com vários riachos, lagoas, olhos d'água. E tudo isso foi soterrado pela especulação imobiliária. Então isso aí me despertou. E outra coisa que me ajudou também a fazer história foi na adolescência. Eu tinha uma banda, sabe? Uma banda de metal aí. Grindcore, na verdade. E a minha mãe não queria que eu andasse com os caras cabeludos e tal, tatuado, eu adolescente. E ela pediu a um tio, que é caminhoneiro, para me levar com ele, sabe? Tipo assim, fazer uns trabalhos, fazer entrega, e eu ser o cara que ia descarregar o caminhão.

Nesse negócio aí, cara, eu conheci o sertão do Ceará todo. Foi a minha primeira aula de campo. Ele não sabia nada, meu tio não tem formação histórica nenhuma, não sei, talvez nem o ensino fundamental. Talvez o fundamental ele completou. O ensino médio, certamente não. Mas eu conheci Aracati, Russas, Limoeiro, Tabuleiro, Crateús. Rapaz, foi o Ceará quase todo. E eu ficava vendo aqueles prédios históricos com as datas, né? Casas antigas tinham as datas. A casa, quando ela foi colocada em pé, e depois as reformas, as outras datas embaixo. Isso também me ajudou muito, essa curiosidade pelo tempo, pelo passado. Então, acho que foi por aí.

JFM - *Como foi sua trajetória no curso de história? Quais autores o/a acompanharam desde o início de sua formação? Quais autores lhe acompanham na atualidade? Como ocorreu o encontro com esses autores?*

GPC - Eu tive que ler tudo. Tudo que os professores passavam, eu tinha que ler. Porque não tinha escolha. E depois que eu entrei no PET, aí é que tinha que ler mesmo. Vocês que são petianos sabem como é a filosofia do PET, né? Não tem esse negócio de não dormir direito, então não consegui ler, não consegui estudar. Cara, ou tu dá conta ou tu sai. No PET não tem conversa. Então, o que passavam para a gente ler, a gente lia. E nos anos 90 estavam muito em alta os debates em torno da história cultural, então, Chartier, Certeau, Linhante com aquela coletânea dela, nova história cultural. Era o Hayden White, Domenico Lacapra, esse pessoal que debate linguística, faz análise do discurso, microfísica do poder, tudo isso fez parte da minha formação. Isso na graduação.



No mestrado foi onde eu fiz as minhas escolhas teóricas. E as minhas escolhas teóricas eu debati tanto com a sociologia da linguagem, o Bourdieu, quanto o Foucault, Deleuze, Guattari, que ajudam muito alguns autores a lidarem com a história cultural. Mas a minha maior influência foi a história social inglesa. Foi Raymond Williams, Thompson, Rafael Samuel, foi essa moçada aí. E no doutorado foi que se consolidou mesmo. A minha formação dentro do campo da história social é aquela leitura do marxismo, mas o marxismo na linha do Bakunin, Mikhail Bakunin, das relações semióticas atravessadas pelas disputas simbólicas, as disputas de classe, as tensões que a gente consegue identificar a nível de linguagem. Então foi por aí que eu enveredei. Boa parte da minha produção em artigo, capítulos, na minha dissertação, na minha tese, foram mais por aí as minhas escolhas. Fiz outros percursos.

No pós-doutorado fui para a história medieval, que é a área que atuo há mais de 15 anos, como professor da disciplina de história medieval. Já faz 20 anos que sou professor de história medieval. Peguei em 2005, tinha dois anos só de UECE. E agora, mais recente, de uns oito anos para cá, um debate mais estreito com o ensino, sobretudo aula de campo, ensino de história. A aula de campo, eu sempre gostei de aula de campo, só que os acontecimentos de 2014 para cá, que o Brasil sofreu, impeachment da Dilma, ascensão do governo Bolsonaro, tudo isso me fez procurar alternativas para que a gente tornasse o ensino de história mais interessante.

Uma coisa que me intrigou, a ANPUH de 2017, em Brasília, uma colega disse que parecia mais um encontro de médicos noruegueses do que um encontro de historiadores, em Brasília, que tinha acabado de passar por um processo de impeachment violento, como foi o da Dilma. Então eu disse: “olha, é legal discutir a medievalidade, mas a gente precisa discutir a medievalidade sabendo que estamos no Ceará, que estamos no Brasil, e aqui nós temos demandas urgentes”, e dessas seria misto a gente procurar entender como é que a história está nos atravessando agora e por que existe uma parcela tão grande da população brasileira que não consegue relacionar um discurso como foi feito, vários discursos, do Bolsonaro e dos seus seguidores, que parece uma seita aquilo.

E as pessoas não acham aquilo absurdo, não acham estranho defender tortura, defender pena de morte, defender AI-5. Então eu digo: “olha, em algum momento os professores de



história estão errando, porque não é possível, cara, que depois de 40 anos, 30 anos de golpe militar, a gente ainda queira. Ainda tem pessoas que acham isso uma coisa normal, uma coisa legal, viável para o Brasil”.

BBAL - *Quais experiências de ensino e aprendizagem mais marcaram sua vida?*

GPC - Nossa, foram tantas. Eu trago muita coisa do cotidiano para a sala de aula. Eu, como professor, sempre trago exemplos do cotidiano para a sala de aula, sempre trago coisas do que a gente vivencia, experiência na família. De alguma forma, eu tento exercitar isso, mostrar como a história não está longe do nosso dia a dia, do nosso cotidiano, das relações familiares. Então isso daí eu entendo que também faz parte do processo, ensino e aprendizagem. Eu como professor, como eterno estudante que a gente nunca deixa de ser. Mas no curso de História, o que me marcou muito é os trabalhos, as metodologias de ensino, de professores.

O Eurípedes, o Eurípedes Funes, que foi meu tutor no PET de História, me marcou bastante. Sebastião Ponte, com as aulas de campo sobre o centro de Fortaleza. Professor Francisco Pinheiro, professor de Ceará I, que nos pediu logo um ensaio com documentação colonial, Ceará I, todo mundo foi para o Arquivo Público. Depois, Ceará II também, outra pesquisa no Arquivo Público. Ah, não, essa na Biblioteca Pública, Setor Dimerográfico. Foram professores que eu sinto que marcaram a minha trajetória. Essa coisa de você lidar com a história e a preocupação com as fontes, com a documentação histórica. Basicamente, a documentação histórica. Como é que a gente pode fazer uso da documentação histórica em sala de aula. Isso me motivou bastante também. Na pós-graduação, também autores, professores, como a professora Lúcia Bastos Pereira das Neves, já no doutorado.

No mestrado, tive professoras inspiradoras, professora Maria Odila de Silva Dias, uma erudita, professora Denise Bernudo Santana, também uma inspiração para mim, a professora Marina Maluf, nossa, então nem se fala. São professores que marcaram por isso, o cuidado com a leitura, o cuidado com o diálogo, com o debate. Essa coisa de você fazer com que o aluno, o estudante, ele seja todo o tempo instigado a pesquisar e confrontado aquilo que ele leu com aquilo que ele vai relacionar, da leitura com o dia-a-dia. Não ver



apenas o texto como o texto que você tem que ler e levar lido para a sala de aula, mas perceber como é que esse texto se conecta com a realidade. Então, esses professores me marcaram bastante.

A professora Adriana Facina, no doutorado também, foi outra, me ajudou muito nesse sentido. Então, são experiências que eu trago para a vida, de pessoas que me marcaram como referências no campo do ensino e me ajudaram a entender como o aprendizado, a relação ensino-aprendizagem está muito intensa, ela é muito intensa. Acho que esses professores foram as minhas referências. Tem outros também, cada um. Tanto aqueles que me inspiraram a, olha, isso aqui é legal, não faça o que ele está fazendo. Também teve outros.

MCV - *Qual principal motivo o/a levou para a pós-graduação (mestrado/doutorado)?*

GPC - Cara, o mestrado eu fiz num momento bem delicado. Na verdade, metade da minha graduação, quem me segurou foi o Pet, sabe? Na graduação, eu perdi minha mãe muito cedo, no quarto semestre, tinha 20 anos. Foi um negócio muito, muito difícil, cara. Rapaz, eu falo com o Eurípides, no aniversário dele eu disse isso, você fez a diferença, amigo, no dia que você chegou e disse: “olha, eu sei que você está de luto e tal, chora bastante, sinto por você o que está acontecendo, mas vai chegar o momento que você precisa reagir, cara. Chega o momento que você tem que ir para frente”.

Os dois anos que eu passei depois da morte da minha mãe no Pet, foi focado em prestar uma seleção de pós-graduação, aqui no Ceará não tinha história, e eu tentei em São Paulo. Sabe quando você, assim, olha, eu tenho que me agarrar nisso aqui. E aí fui com tudo, passei, passei em primeiro lugar, já passei com a documentação quase toda coletada, é tanto que para mim o fato de você poder escrever não doeu. Eu vi amigos sofrendo, porque não tem uma fonte, não consigo escrever. Em São Paulo, rapidinho, eu fiz a dissertação, defendi.

Aí quando voltei para o Ceará, arranjei uma esposa, com 24 anos de idade, casei, voltando do mestrado, e nesse tempo eu lembro que teve uma seleção para professor da Unifor, aí eu fiz, passei, depois teve da UECE o concurso, aí saí da Unifor, fiquei só na UECE. Quando passou o probatório, eu já tinha a familiaridade com a pós-graduação, já



sabia o que eu queria, já tinha projeto, inclusive, desenvolvido, fui só aprimorando e depois passei na UF, na Federal Fluminense, no doutorado.

E o pós-doutorado eu fiz, foi mais por capricho, sabe? Porque eu ia fazer o pós-doutorado no Rio Grande do Sul, trabalhando, continuando a temática do que eu havia feito no doutorado e no mestrado, só que eu optei por fazer História Medieval. Eu já estava há cinco anos como professor de História Medieval, mas me sentia incompleto, você está na sala de aula, mas você não tem a formação de medievalista, você não está lidando com a documentação medieval. Aí a internet ajudou muito, porque tem muita documentação digitalizada, do mundo antigo, do medieval, digitalizado. Eu peguei as cantigas galego-portuguesas, do século XIII ao século XV, e desenvolvi o meu projeto nisso. Entre trovas e armas, espiritualidade e honra, nas cantigas galego-portuguesas.

JFM - *Do ponto de vista epistemológico, qual opção teórico-metodológica você mais se acha filiado?*

GPC - Materialismo histórico, sem dúvida. Eu acho o campo teórico mais completo também. O materialismo histórico consegue dar resposta para a ciência política, a antropologia, a linguística, a história, a economia. E a abordagem do materialismo histórico é a história social inglesa, principalmente que trabalha com a cultura, com a produção artística. Sem desmerecer o teor artístico, o teor da subjetividade do artista, processo criativo, isso aí a gente não desmerece. Eu também sou professor de História da Arte, mas não tem como você formado no campo da história não perceber as relações de poder, não perceber a sociedade da época, as tensões sociais, uma obra de arte. Não tem como. A arte não é só arte pela arte, não tem como ser. A arte é um discurso de poder, é uma linguagem de poder.

E a minha opção teórica pelo materialismo histórico é porque ele consegue dar conta de vários elementos e é algo pontual. Eu estava até falando há pouco com alunos na sala de aula. Gente, por exemplo, eu não me acho um autor, um pensador, um intelectual, um agente histórico que esteja no campo da esquerda. Mas também não sou extrema-direita, nem direita, essas coisas. Mas por quê? Porque se a esquerda for o que a gente vê hoje, eu estou fora, gente, não me inclua. Eu estou fora. Porque para mim a esquerda que eu tinha referência



é aquela esquerda que debatia temas inerentes das pautas de esquerda, a classe trabalhadora, melhores condições de trabalho, saúde, moradia, educação, transporte, pautas da classe trabalhadora. Não que as pautas de hoje sejam ilegítimas. Não, elas são legítimas. Mas elas não estão levando em conta o que de fato causa o sofrimento, a exploração das mulheres.

Eu vou pegar, porque é o que está mais em voga nesse discurso, vamos falar pronome neutro. Eu disse, gente, você não consegue mudar a sociedade falando todes e lacrando em rede social. Foi o que eu falei na sala de aula. A disputa linguística é importante, é interessante, mas se você não problematizar as relações de exploração, você vai estar fazendo modinha, você vai estar fazendo lacração em rede social. Você não está mudando a sociedade. Nota de repúdio em rede social, amigo, isso não quer dizer nada. Você não consegue enfrentar projetos autoritários lacrando em rede social, é isso que eu quero dizer. Você consegue estabelecendo debate crítico, fazendo trabalho de base, fazendo movimento social. Então, as minhas referências do campo da esquerda são essas. Mas, do ponto de vista teórico-metodológico, da abordagem no campo historiográfico, é uma história social.

BBAL - *Sua área de pesquisa sofreu alterações no curso entre a graduação, a pós-graduação e a fase intelectual em que se encontra?*

GPC - Nossa, demais. Na graduação, eu estava muito no campo da história cultural, aquela nova história cultural. Principalmente, dialogando com Hayden White, com Dominique Lacabra, com esses autores. No mestrado, já houve uma transição desse campo teórico da história cultural, que dialoga com a produção de narrativas e linguagens. Então, eu saí daí, migrei. Não é que migrei, na verdade, ele foi fortalecido pelos debates no campo da história social. E, depois, muita história social, influência forte de Thompson e Raymond Williams no doutorado. E, no pós-doutorado, eu fui para a história intelectual, mais do que história social. História das mentalidades, William. Quando eu migrei para um recorte em história medieval.

E hoje eu estou, como falei agora há pouco, dialogando mais no campo do ensino da história, pegando o patrimônio cultural. Não só o patrimônio edificado, mas o patrimônio cultural, gastronomia, folguedos, danças típicas, o que for para entender como isso funciona



na experiência cotidiana e como é que os estudantes, no ensino fundamental, no ensino médio, eles podem entender a história a partir dessas manifestações. Então, é trabalho de campo. Eu vejo uma coisa nessa pergunta, é que quando a gente se engessa, eu sou o historiador da história cultural, da história social. Quando a gente se engessa, a gente inviabiliza infinitas possibilidades de compreender a história e de fazer a história, vivenciar, experienciar a história. Eu confesso que nunca tive grandes defesas, levantar bandeira por X ou Y, opção teórica. Acho que isso aí é um problema. Na verdade, nem existem essas trincheiras teóricas, se você for ver bem, no campo europeu. E aqui a gente faz um pouco, meio que caricaturando algo que não existe do outro lado. Até porque as nossas demandas aqui são outras. É interessante que a gente dialogue.

A história é uma ciência europeia, sejamos bem francos, honestos. Mas dentro da nossa realidade, podemos fazer um debate com esse recorte ocidental, com esses autores que estão lá do outro lado do Atlântico, entendendo a partir das nossas demandas sociais, a partir do nosso cotidiano, dos nossos enfrentamentos diários. Então, assim, eu não me engesso muito. Eu aprendi muito cedo, aprendi com o Eurípides, quando foi meu tutor, aprendi com o professor Naoufi, meu orientador no doutorado, Fernando Faria. Que historiador tem que trabalhar com fonte histórica. Esses debates teóricos e tudo, eles não vão determinar o seu trabalho. Na verdade, você pega uma dica ou outra de determinadas abordagens, seja o campo da história social, cultural, econômico, o que seja. E aí você dialoga e a tua fonte é que faz com que você se aproxime de um ou outro campo teórico.

As minhas opções teóricas, eu não as faço porque eu queira ser historiador de um determinado campo. Mas não, porque a documentação que eu tenho, ela consegue ser melhor trabalhada dialogando com esses autores. Autor X, Y, Z. A minha dissertação de mestrado, por exemplo, eu levei porrada de um lado de uma professora que era muito história cultural, e eu fiz isso de propósito, da PUC, e outro que era história social raiz mesmo, história social da UF. Tomei porrada. Eu estava trabalhando com intelectuais, estava trabalhando com produção literária, com discurso intelectual. E eu via que dava para você pegar elementos de um e de outro para poder desenvolver a construção do pacto oligárquico, porque eu estava na transição da monarquia para a república através dos movimentos intelectuais de Fortaleza.



Eu não via problema nisso, mas tomei porrada, sem dúvida alguma. Mas, ao mesmo tempo que eu levei porrada, elas mesmo reconheceram que não existia problema.

Eu senti que a porrada era mais um teste. Tipo assim, olha, eu quero ver se você tem bala na agulha mesmo para se defender, se você consegue mesmo dar conta do que você está se propondo aqui. E é tanto que no doutorado eu achei mais suave isso. Porque eu trabalhei com Bourdieu, trabalhei com Thompson, Raymond Williams, Certeau. Certeau é muito história cultural, história do cotidiano, história cultural. O pessoal da história cultural trabalha muito. Então dava para dialogar. Mas quem me ajudou nessas escolhas e saber com o que eu podia dialogar foi a minha documentação. Então eu tenho que me preocupar em analisar bem a fonte do passado e relacioná-la, fazer com que ela funcione, aquelas vozes dentro do tempo histórico. Então eu tenho que conhecer também a história, o tempo histórico da minha fonte. Senão eu ia estar fazendo trabalho de Necromancia. Não, eu estou fazendo um trabalho de história. Estou analisando as narrativas do passado, os registros do passado.

MCV - Como profissional de História, atuando como professor/pesquisador, já participou ou participa de algum movimento de caráter sociocultural, político, sindical?

GPC - Diretamente, não. Eu sou professor universitário sindicalizado. Então as mobilizações, por exemplo, do nosso sindicato, eu participo. Já tive, já participei, como eu já falei aqui algumas vezes. A atual política partidária no Brasil, eu particularmente vejo com muita preocupação. Eu vejo cada vez mais políticos preocupados em permanecer no poder e muito pouco compromisso com a população. Então posso dizer que de movimento mesmo, movimento docente. Que já é muita coisa, viu? Que já é muita coisa. A minha militância hoje é a minha extensão, se eu tiver de falar em termos de militância.

A extensão que eu faço é uma extensão junto com os nossos bolsistas. Começou um projeto de aula de campo, mas a partir de uma demanda que houve na UECE, lá no Itaperi, a gente começou a receber alunos da escola pública e depois alunos de escolas em geral, principalmente de bairros, de periferia, para terem acesso, para terem contato com a universidade. A gente chama História em Campos. É um subprojeto dentro de um projeto maior chamado História em Campo, que eu coordeno. Então acho que a minha militância é



essa. Assim como eu, filho da classe trabalhadora, morador do subúrbio, filho do subúrbio. Como fez a diferença à universidade na minha vida, acho que tenho essa inquietação de fazer com que filhos da classe trabalhadora ingressem na universidade pública.

Acho que a minha militância hoje é essa. Em uma juventude que me dá uma dor no coração, quando eu vejo alunos meus que são professores do ensino fundamental, da rede básica, hoje eles dizem que os alunos deles, quando se perguntam o que você vai ser, você quer estudar para ser o quê? Eu quero ser digital influencer, influenciador digital. Por quê? Porque dá dinheiro. Amigo, você sabe quantas pessoas no mundo, quantas vencem na vida sendo digital influencer, e você acha que é assim. Então a minha militância hoje é essa, fazer com que a juventude acorde e entenda que o estudo é a melhor opção, principalmente para quem, como eu, veio da classe trabalhadora. Você no país de terceiro mundo, como é o Brasil, o estudo, na minha vida, fez diferença. E a história, esse projeto que a gente tem, a gente leva o aluno para dentro da universidade, ele conhece a universidade, tira as dúvidas, e ele vê que é possível, sim, estar na universidade.

E entender a universidade como sendo sua, ainda tem esse detalhe. O que é importante é você fazer com que o estudante saiba que aquela universidade, quem banca é ele, quem paga o salário dos professores é ele, é a família dele, é a população cearense. E para isso ele precisa lutar também por uma universidade melhor. Porque hoje é ele, amanhã serão os filhos dele que vão fazer parte dessa universidade. Essa é a minha militância hoje.

JFM - *Como você define a condição histórica da humanidade?*

GPC - Olha, eu vou ser muito sincero. O professor, na verdade, ele tem que trabalhar com esperança. A gente precisa trabalhar com esperança e mostrar que o mundo melhor é possível, porque senão não faz sentido você estar em sala de aula. Você está trabalhando com sonhos, com pessoas que estão ali almejando melhorar de vida, está na universidade, quer um diploma, quer trabalhar. Mas de um tempo para cá eu comecei a me questionar a respeito do que é a humanidade. Então assim, a humanidade não é um comercial de margarina não, sabe? Tudo perfeito, tudo lindo, um arco-íris pintado atrás. A humanidade é uma raça predadora, é uma raça que preda a si próprio, seus semelhantes, e que está



destruindo isso aqui, está destruindo o planeta mesmo e ninguém está nem aí. Eu já fui em várias oportunidades, em vários encontros.

Eu propus um evento agora chamado Capitalismo e Colapso Civilizatório. Nós estamos caminhando para isso, tudo aponta para isso, um grande colapso civilizatório. Colapso na segurança pública, colapso na alimentação. Esses problemas climáticos vão afetar ainda a produção de grãos, pode ter certeza. Colapso na segurança pública, o Estado não está mais dando conta das políticas de bem-estar social. Daria conta, mas infelizmente boa parte da classe política hoje está interessada em se manter no poder, como eu falei agora há pouco. E, principalmente, o consumo. Ninguém quer abrir mão do seu conforto, a verdade é essa. A humanidade não quer abrir mão do seu conforto, não quer abrir mão daquilo que ela pode consumir. Se sair um celular novo, não, vou comprar e o outro que é velho, se vai ajudar a degradar o planeta, não estou nem aí. A roupa que eu compro, eu uso, se eu acho ela meio fubenta, que o pessoal usa esse termo, meio velhinha, não vou usar até desgastar, não. Total, eu já vou comprar outra e vai acumulando.

E a gente não pensa que tudo isso que a gente consome vai virar lixo, e esse lixo vai para algum lugar. Então, a gente está caminhando para um colapso civilizatório, já foi anunciado no final de julho, que o Brasil em 2075 vai ser inabitável, não tem como. Então é o conforto, a opção que nós fizemos por esse tipo de civilização, civilização do consumo, civilização que numa ponta você tem a tecnologia fazendo dinheiro, valor virtual, dinheiro gerando dinheiro, virtual. Mas esse dinheiro que gera dinheiro, que é especulação, lá nas nuvens, lá no sistema financeiro, no mercado financeiro, ele tem uma ponta no mundo físico, material, que é a exploração dos recursos naturais, isso está muito claro. E o Brasil é muito vulnerável nisso, até porque os políticos aqui, eles estão comprometidos, uma grande parcela, é com as grandes corporações, com os bancos, o setor financeiro. Me desculpa, mas em sala de aula já passou o tempo de vender ilusões, hoje em dia estou mandando a real e perguntando o pessoal todo o tempo, provocando aonde eu vou.

Teve um encontro agora, um professor me falou, eu nem sabia que existia depressão ambiental, eu nem sabia que tinha. Ele disse que estava sofrendo de depressão ambiental porque ele estava vendo que o mundo estava assim, entrando em colapso, e ele falou isso em uma discussão sobre PPC, na UECE, que é importante a gente colocar isso no PPC, para



onde a humanidade está caminhando. Eu fui e levantei a palavra e disse, professor, a gente resta saber se os colegiados estão de acordo e se a gente vai problematizar o X da questão, que é o conforto, o consumo. O nosso conforto gera prejuízo para o mundo, para o planeta. Aí todo mundo ficou calado, sabe? Quando você fala nesse aspecto de abrir mão do conforto, aí ninguém fala, porque todo mundo é responsável por isso.

BBAL - *Como você avalia o impacto de sua posição política na sua prática docente?*

GPC - Eu, como ser político, o que eu defendo, o que eu acredito, o meu campo ideológico, é importante dizer, eu sou socialista, não estou ligado a nenhum partido socialista, mas eu acredito que o Estado precisa existir, porque senão vira barbárie, é guerra de cego, de foice no escuro. Não aquele socialismo soviético, nem cubano e tudo, porque ali viraram ditaduras. Mas um modelo de socialismo onde você possa, de fato, fazer com que o Estado trabalhe para o bem-estar da sociedade, minimizando as desigualdades sociais, criando oportunidades para os indivíduos, todos eles, indistintamente, aquele indivíduo que nasceu sem as condições básicas para entrar no mundo do trabalho, que o Estado possa garantir a sua formação, possa garantir educação, possa garantir segurança alimentar, possa garantir pleno emprego, previdência social, possa garantir oportunidades, as mesmas oportunidades que alguém que é privilegiado, do ponto de vista socioeconômico, ele possa ter, o mínimo.

Então, eu não acredito que a população precise viver, todo mundo com roupa de operário soviético, cantando a Internacional Comunista, não é isso. Mas o socialismo que acredito é esse, onde todos os indivíduos tenham consciência de que o Estado não tem que trabalhar para uma classe específica, para um grupo específico, mas para o bem-estar social, bem-estar coletivo. E são experiências que a gente consegue visualizar nos dias atuais. Os países nórdicos, por exemplo, alguns chamam de capitalismo planejado e tudo, mas aquilo ali é socialismo, gente. A Noruega não se assume, não tem bandeira vermelha, foice e martelo, mas a experiência socialista está ali. Os países escandinavos, a prova do que estou falando. As outras experiências que aconteceram no século XX, apesar das paixões guerrilheiras, essas coisas, para mim, uma boa parte virou ditadura. Uma boa parte saiu dos



rumos, e uma parte, grande parcela, virou ditadura mesmo. E a ditadura nunca, jamais, nem de esquerda e nem de direita, nenhuma.

Eu sou um republicano radical. Eu acredito no Estado laico, acredito no Estado científico, no Estado onde ciência e tecnologia sirvam para o bem-estar comum, mas é comum mesmo. Não o bem-estar comum sirva de apenas discurso para poder fazer com que a classe trabalhadora banque um modelo de Estado, uma estrutura de Estado, e depois esse modelo sirva apenas para nos deixar mais calmos, mais brandos, e, enquanto isso, a gente trabalha, paga imposto e tudo, e beneficia uma classe que, por trás, recebe as benesses dos recursos que a gente paga em termos de impostos. Então, assim, a república, a coisa pública, tem que ser para todos, e não para um grupo de privilegiados ou grupos de privilegiados.

MCV - *O que significa ensinar história e ser historiador no século XXI?*

GPC - Tenho problematizado isso com os meus alunos. É você estar confrontando as falsas verdades, a Fake News, a falácia lógica, tudo aquilo que vem para nos retirar do campo da racionalidade e nos retirar do campo das distopias também. Historiador no século XXI é esse grande desafio. É você dialogar com a sociedade, principalmente com os teus alunos, para quem é professor de história, para que eles entendam que o mundo digital, a ferramenta digital, não é o que de fato é. Que a vida cotidiana, as relações sociais, isso sim é o que existe. É essa materialidade que a gente está cada vez mais se distanciando e a gente precisa se aproximar dela, problematizá-la, confrontá-la e modificá-la para que o que a gente está insistindo aqui, para que um bem-estar comum, um bem-estar coletivo, possa de fato ser experienciado no mundo de hoje.

Então, ser historiador é confrontar as big tags, confrontar a falsa ilusão dos coach, porraça, gente, pelo amor de Deus, o negócio de coach, sinceramente, se existe uma coisa que contribui para a involução social, é essa espécie. Vem de ilusões e tudo, mas por trás é só para vender seus livros, eles usam para vender seus produtos, mas para trazer respostas para a sociedade de mudança, de transformação, de bem-estar, isso não tem. Então, ser historiador no mundo de hoje, o grande desafio é esse, e não é fácil.



Não é fácil à medida que você vê nos seus alunos mesmo, uma parcela considerável, dando muita atenção e credibilidade para esse tipo de personagem do mundo do século XXI, que disputa com a ciência, que disputa com o campo da racionalidade e que, muitas vezes, tem muito mais atenção, atenção da mídia, inclusive, atenção dos canais de comunicação, fazendo com que todo o esforço que a gente tem no campo da pesquisa, no campo do debate, ele seja desmerecido. Então, o enfrentamento nosso é esse. É confrontar essas falácias lógicas, essas falsas verdades, essas ilusões que estão sendo anunciadas a todo momento no mundo digital.

JFM - *Como você define a sua relação com seus alunos?*

GPC - Eu acho que é boa. Eu queria saber deles. Eu defino uma relação legal, da parte deles, eu não sei, de lá pra cá. Mas eu tento. O que eu mais gosto da vida acadêmica é a sala de aula. É o que me desperta mais motivação, pra pegar coisa nova, pra ler, pra trazer de novidade, pra debater. Às vezes acontece uma coisa e eu digo, cara, isso é o que eu vou usar na sala de aula, eu fico pensando no dia seguinte, como é que vai ser, o que eu vou trabalhar. Então, eu me empolgo na sala de aula.

A parte chata da universidade é a parte burocrática, gente. Meu Deus do céu. Ali você arranja um inimigo, é horrível, mas a parte de sala de aula é o que eu mais gosto. Se eles gostam, aí é outra história. Se eles estão gostando do meu trabalho, é outra história. Mas eu, particularmente, adoro. Teve um momento na minha vida, como professor, que eu achei que estivesse fazendo a coisa certa. Quando eu estava no curso de turismo aqui de universidade, e eu acreditava, eu e os outros professores, a gente acreditava que o turismo, da forma como ele foi apresentado como alternativa econômica, no segundo governo Tarso, aqui pro Ceará, a gente acreditou de fato que o turismo pudesse ser aquilo que foi apresentado, que foi anunciado.

Eu tinha recém saído da faculdade e incorporei essa política pública. Teve muita coisa voltada para o turismo, mas depois foi se esvaindo e a gente foi vendo que o turismo no Ceará é o que, em grande medida, lamentavelmente, faz com que ele aconteça. Que é um turismo predatório, é o turismo dos ressortes, que destrói o meio ambiente, é o turismo que



estimula a prostituição, estimula coisas piores ainda, ligadas ao crime. Quando vejo ex-alunos do curso de turismo e pergunto, “Estou em outra área”, isso me fez sentir mal. Então, na sala de aula, no curso de História, hoje eu procuro mandar a real para os meus alunos.

Talvez a parte chata em relação a eles seja essa, não sou de enfeitar, pintar o mundo cor-de-rosa, o arco-íris. Eu procuro ser leve, mas dando toque. “Acorda, porque o mundo nessa coisinha toda não”. Então, se você fez a opção para ser educador, educadora, saiba que terá grandes desafios. Porque o mercado financeiro, que é quem manda no mundo hoje, o dono das corporações, as big tags, eles sabem muito bem o que querem. E nós, enquanto professores, enquanto professoras, educadores, educadoras, a gente tem que aprender nem a conviver, mas a enfrentá-los.

É um poder grande. E a gente subestima também a nossa atuação como educador, como educadora, professor e tal, porque a gente consegue problematizar isso, incomodar esses grandes poderes. Não é à toa que a educação é tão desprestigiada, principalmente as ciências humanas. São aquelas que mais enfrentam esses grandes poderes no campo da ciência.

BBAL - *Além da História, que outra(s) área(s) de estudo desperta(m) seu interesse?*

GPC - A literatura, a primeira, a literatura. Gosto muito, me dedico, me dediquei sempre. A literatura foi o que me trouxe para a história. Gosto de sociologia também. A literatura é a minha paixão. A sociologia é a ciência que me ajuda a entender o mundo, a sociedade, como ela se organiza, os seus ritos, os seus sistemas de exploração. Filosofia, demais. Eu gosto de filosofia. Tenho vários autores aqui, contemporâneos, os antigos também. Acho que eu enveredo por essas áreas. Aqui também estão mais próximas do que eu pesquiso. Trabalho com história intelectual, então, filosofia, sociologia no século XIX, eu me familiarizei com esse campo.

MCV - *Quais espaços socioculturais você gosta de estar, agregam no seu viver?*



GPC - Eu gosto demais, adoro cinema, galerias de arte aqui, na Estação das Artes, o Dragão do Mar, o Museu da Fotografia, o Museu da Imagem e do Som. Esses são os que eu ando mais. Os museus, o Museu da Indústria, o próprio Passeio Público. São espaços que eu tanto uso nas atividades de extensão, de trabalho, quanto frequento no lazer com a minha família. Eu gosto mesmo quando vou para outras cidades. O primeiro lugar que eu procuro conhecer é o mercado, gente. Se você quiser conhecer uma cidade, vá para o mercado. Mercado público.

Você sente o cheiro da cidade, ouvir o que as pessoas estão conversando, os assuntos do dia. Eu gosto demais. Gosto muito de São Paulo, São Paulo não tem praia, né? São Paulo é muito museu, muita galeria de arte, muito teatro, muito tudo. São Paulo tem muito tudo. Rio também. Mas onde eu vou, todas as cidades que eu vou, eu procuro conhecer essa parte. O centro histórico, de maneira geral, o centro. Eu sou um cara apaixonado pelos centros. Todo centro urbano.

Eu gosto de ir naquele boteco velho, eu nem bebo, mas eu gosto de ir naquele boteco, pé sujo, pedir um café preto lá e ficar ouvindo o que as pessoas estão falando na cidade, os assuntos da cidade. Eu sou muito disso, de ouvir. Os espaços que agregam, que me fazem sair de casa para conferir, para ver e tal, são esses.

JFM - *Como você trabalha a relação entre pesquisa e ensino?*

GPC - Não tem ensino sem pesquisa, começa logo por aí, não tem. Você pesquisa, ainda que o mínimo, mas você pesquisa. Ainda que de maneira muito ruim, muito rarefeita, para dizer coisa pior, você pesquisa. De alguma forma, você faz alguma consulta. Eu, particularmente, gosto de estar sempre relacionando ou estar em sala de aula. Na educação básica, eu fiz isso quando fui professor, pegar algum documento histórico e, a partir dele, eu começar a minha aula. Alguma fonte do passado. Hoje é muito bom essa coisa do acesso à internet, no celular, você passa um link para a turma no grupo do WhatsApp e cai direto numa fonte histórica, como um recorte de um filme ou alguma coisa assim que, a partir dali a gente já possa despertar.



Na disciplina de história, eu procuro estimulá-los ao máximo a também fazer suas pesquisas, tanto bibliográficas quanto de documentação. O mínimo que seja. Não tem como. Na relação de ensino com a pesquisa, para o professor de história, não tem outra, não existe. Acho que nem uma forma do magistério, mas a história é imprescindível à pesquisa. Uma complementa a outra. Na pesquisa também, a sala de aula ajuda muito à pesquisa. A pesquisa mesmo. Doutorado, mestrado, é o que estou falando. Para você estar em sala de aula, você tem que estar preparado.

Como é que eu sei que estou preparado? Amigo, é o tempo que vai dizer. É o tempo, é o dia a dia, é a rotina. Você sai do mestrado, doutorado, achando que sabe tudo. Não sabe, amigo, não sabe. Vai saber no dia a dia, nos desafios cotidianos. Quando está em arquivo de pesquisa, pega um texto aqui, outro ali, uma documentação aqui e como é que o ensino te ajuda a trabalhar com tanta fonte, com tanta informação, a sistematizar ideias? O meu doutorado, eu terminei em dois anos e meio, terminei com um ano e meio a menos. Era para ser feito em quatro anos, eu fiz em dois anos e meio. Agora, por quê? Além de eu ter boa parte da documentação, o fato de estar em sala de aula e ajudar a sistematizar ideias me facilitou na hora de escrever, de organizar aquilo que eu queria traduzir, trazer como produto de pesquisa. Então, uma coisa complementa a outra. Pelo menos comigo aconteceu assim.

BBAL - *O que é História para você? Como esta definição de História atravessa suas escolhas teóricas e metodológicas na sala de aula?*

GPC - Vou falar sobre história disciplina. Beleza? Ela é a disciplina que faz com que a gente consiga problematizar o tempo, essa força que é o tempo. Não qualquer tempo. O tempo da sociedade, que atravessa um objeto. Artesanato feito de madeira, um escultor do Aracati, ele fez a coruja porque eu pedi. Mas quando você pega um objeto, um objeto de artesanato e você consegue, a partir da experiência do cara que produziu, quem é esse cidadão, o que ele fez, onde é que ele pega o material, a vida dele, etc. Então você consegue, através daquele objeto, atravessar o tempo social naquele objeto, levando em consideração a vida dele, levando em consideração modos de vida, as relações sociais, o espaço que ele está inserido e o tempo.



Então, a história é essa disciplina que te ajuda a compreender como é que chegamos, aonde chegamos, como é que determinada sociedade conseguiu viver, enfrentar seus dilemas, superar, ou então entrar em decadência, dependendo do que você esteja abordando. E a história como ciência faz com que a gente problematize, não só o passado, mas problematize elementos do passado nos dias de hoje. Tem aquela coisa, a história é a mestre da vida, então a história nos ensina, porque ela problematiza o passado e faz com que a gente tenha compreensão daquilo que a gente quer pro presente, nas escolhas que a gente faz. É importante pra isso. Disciplina, porque ela ensina, porque ela está todo o tempo te provocando a refletir sobre essas escolhas que a gente está fazendo.

As escolhas teóricas-metodológicas que a história como disciplina me fez, me ajudou a fazer, melhor dizendo, para a minha realidade, para aquilo que eu já falei aqui, da minha experiência, da minha trajetória, infância, adolescência, faculdade e tudo, não tinha como eu estar sendo perpassado por um campo que problematizasse os dilemas sociais de maneira tão pontual como eu particularmente vejo no materialismo histórico. Não que a hermenêutica, não que outros não façam também esse trabalho, fazem, mas o materialismo histórico é mais direto, como Marx fez no século XIX. Ele meio que chamou tudo de metafísica. Não, amigo, metafísica não dá para explicar, por exemplo, a fome, a exploração. Tem coisas aí que a metafísica a gente deixa lá no campo da especulação, do aprimoramento intelectual, não sei o quê, mas estamos falando agora de realidade física concreta e cotidiana.

MCV - *Ao longo de sua experiência docente, o que você apontaria como principais dificuldades e desafios?*

GPC - Muitas. Eu acho que os desafios eu já disse até aqui alguns, que hoje a gente disputa com coach, disputa com digital influencer, disputa com pessoas que não têm formação científica, mas que se apropriam do discurso de verdade por estar em plataformas digitais de alcance, sei lá, não sei quantos mil seguidores, essas coisas aí. E que elas carregam a imagem do critério de verdade. Olha, é verdade que o cara tem dois mil seguidores. Só que o cara muitas vezes fala sem conhecimento de causa alguma, é só mesmo para ganhar seguidores.



A gente vê um pessoal agora que fica sem roupa no mercado ou com pouca roupa, ou então começa a dançar umas coisas extravagantes, em terminal de ônibus, pra chamar atenção, pra chamar seguidores. Então, a gente, o desafio nosso é a gente estar concorrendo com isso. Eu vejo muito também as disputas que nós estamos tendo em relação ao discurso, eu não diria o discurso religioso. O discurso, quando ele é fundamentado, o discurso da fé, ele é fundamentado, ele nos ajuda, inclusive, no campo da história e qualquer ciência humana.

Mas o discurso obscurantista, o discurso que acredita que Adão, que a Eva, conversou de verdade com a cobra. Cobra conversou com a Eva, esse tipo de coisa, porque estamos, hoje em dia, em pleno século XXI, tentando explicar que existe uma coisa chamada sentido figurado e sentido literal. E muita gente acredita que, de fato, passagens sagradas, seja lá em que contexto for, em que fé for, em que credo seja, eles, de fato, fazem parte do seu cotidiano. Tudo bem, cada um tem a sua crença. O problema é quando isso ultrapassa o espaço privado do culto, do templo, do terreiro, seja lá do que for, da igreja, e vai para a vida pública, e vai para a Câmara de Vereadores, e vai para o Congresso Nacional, e vai para a assembleia legislativa.

Então, o grande desafio que vejo hoje é você combater, além dos digitais influencers, quando eles se prestam de serviços, de desinformar, é quando a gente tem que combater o obscurantismo nesses termos também. E fazer com que a gente possa trazer principalmente esperança, não só como historiador, mas como educador no mundo onde a gente vê cada vez mais pessoas com depressão, com ansiedade, com outros transtornos, provocados por um modelo de vida que nós, enquanto civilização, optamos, que é esse modelo fabril-industrial-civilizatório. Ele está, como a gente já falou aqui, está colapsando, a gente está adiando a problematização dele, a problematização ainda não é consistente, ninguém parou para frear e repensar, e decidir mudá-lo. Então, esses, para mim, são os desafios que eu tenho enfrentado como historiador. Combater o obscurantismo, combater as inverdades do meio digital e trazer esperança.

JFM - *Nas palavras de Rubem Alves, “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, quando ensinamos, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o*



mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”. Apesar das graves problemáticas que envolvem a educação básica e universitária no Brasil, você concorda com Rubem Alves?

GPC - Totalmente. Estou falando como aluno de professores inesquecíveis que eu tive no passado, e eu sinto muita falta de estar em sala de aula como aluno, como estudante. Apesar de que em sala de aula a gente consegue aprender muito. Eu aprendi muito em sala de aula, aprendi muito com meus alunos. Aprendi e aprendo todo dia. Eu lembro que quando eu saí do mestrado, a gente sai muito empolgado, né? Uma torre de marfim, falando 300 mil autores e teorias.

Quando eu entrei em uma sala de aula, que era o antigo curso magíster da UFC para a formação do título de licenciado em história para professoras da rede básica, isso no começo dos anos 2000. Quando elas me falaram a realidade delas, aquilo para mim foi um aprendizado enorme. E à medida que a gente vai conhecendo a realidade dos alunos, das alunas, conhecendo o cotidiano, os diferenciados, seus dramas, seus dilemas, seus desafios, a gente vão vendo como estamos todo o tempo aprendendo.

Não só com a vivência deles, mas também com o que eles trazem a partir do que eles leram e aprenderam. E a gente percebe que o aprendizado é muito complexo, dinâmico e heterogêneo. Foi isso que eu consegui perceber também. Então, o professor se eterniza de alunos também e turmas também. Pode ter certeza.

BBAL - *No mês de abril/2024, Renato Feder, secretário da Educação do Estado de São Paulo, anunciou o uso da Inteligência Artificial (IA) para produzir material digital para os alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Nesse contexto, para você, quais são os impactos do ChatGPT e da Inteligência Artificial (IA) na educação?*

GPC - O mais negativo possível. Na verdade, a gente já está sofrendo com esse impacto há um bom tempo. Pergunte ao professor Olivenor e outros professores que já estão há um bom tempo no magistério, certamente eles se lembram, não faz tanto tempo. As provas de 2010, para trás, o pessoal escrevia duas, três laudas em questão de prova. Hoje em dia, o



peçoal escreve um parágrafo, cinco linhas, numa pergunta complexa, muitas vezes até a prova pesquisada, eu fiquei horrorizado. Com vícios digitais, vícios de internet colocados ali.

Então, eu particularmente vejo isso como um grande prejuízo. E prejuízo também do ponto de vista de um atrofiamento intelectual. Saiu, eu acho que foi esse mês, começo desse mês ou foi no final de julho. Eu não lembro qual foi o instituto, a universidade que comprovou que pela primeira vez na história da humanidade, nós temos uma geração cujo QI, coeficiente de inteligência, é inferior à dos pais, a civilização tecnológica, a geração que teve acesso à internet, os maiores recursos até então, ao invés de você estar com o QI, o coeficiente de inteligência mais avançado, você está em deficitário, em prejuízo, se comparado com os pais.

O normal, na história que a gente conhece, é sempre os filhos superarem os pais, e pela primeira vez isso não acontece, certo? É preocupante, porque a gente vê isso como uma involução. O ser humano está involuindo à medida que ele está se tornando dependente da máquina. E ele está produzindo uma coisa que o professor Paulo Guiraldelli chamou de subjetividade maquínica. O chat de EPT é muito isso, é a subjetividade da máquina, não é da pessoa, não é a pessoa que produziu o conhecimento, ali é a máquina que pegou vários dados, várias informações e compilou um texto. Quando você não cria, você não desenvolve o intelecto, nós temos vários estudos que mostram que a pessoa, quando ela na fase cenil, ela é idosa e ela exercita a leitura, a escrita, isso ajuda.

A leitura que eu digo não é leitura de WhatsApp, não, de pôster no Instagram, não. É leitura de livro, leitura até de caça-palavra, até essas brincadeiras. Mas isso estimula o cérebro a não atrofiar. E hoje em dia, o que você faz? Você fica com esse comportamentozinho aqui, passando tela, aí vendo uns vídeos, as coisas... Mas me desculpa, gente, TikTok, uma macaqueada daquela, rapaz, pelo amor de Deus. Umas dancinhas chatas, bestas. Ridículo, aquilo é ridículo. Aquilo é você inumanizar o ser humano. Idiotizar mesmo, desculpa a expressão.

Não tem nada de bonito, de legal, como tu é chato. Não é chato, não, gente, pelo amor de Deus. Aquilo ali, pouco a pouco, a inteligência artificial, pouco a pouco o mundo digital, a cultura digital, ela está tomando conta desse espaço que é o espaço da criação. E a



máquina não cria, a máquina só reproduz. Chega um determinado momento que a humanidade vai atrofiar mesmo, vai dar um bug. E nesse colapso é que eu fico com muito receio. De que humanidade teremos daqui a algumas décadas.

MCV - *Façamos um exercício de imaginação: pedimos para que você feche os olhos e se coloque diante do Cosmo. Como você se sente, se percebe?*

GPC - Nossa, eu me percebo como um fragmento, mais um fragmento entre bilhões e trilhões que existem no mundo. E quando eu falo fragmento, não é uma pessoa, estou falando de mais um corpo que vibra, que tem energia, que tem intensidade e que ocupa espaço nessa imensidão gigantesca chamada cosmos.

JFM - *Considerando o recorte temporal já vivido e o tempo que ainda tens a viver, quem é Gleudson Passos?*

GPC - Nossa, eu sou pai de três filhos, já tudo adulto. Uma professora de redação, uma dentista e um garoto de 15 anos que está no ensino médio, mas que dá três de mim, é gigante ele. Sou também filho da classe trabalhadora, filho de sertanejos, professor de história. Sou um homem do povo, sou um homem simples. Não tenho muita firula, não tenho paciência. Até frequento, até vou em determinados espaços que requerem uma certa distinção, um certo comportamento, mais requintado.

Mas eu gosto mesmo de andar bem à vontade, sabe? De bermuda, e chinelo de dedo, andando na rua, uma camisa de banda, conversando com uma aqui, outra ali. Eu gosto disso, de verdade é o que eu gosto. E não vejo pecado nisso, nessa vida simples, despojada, nenhum. Muito pelo contrário, acho que a gente é que complica a vida. A vida poderia ser bem mais leve.

Então, para mim, sou feliz, principalmente porque tenho saúde, porque meus filhos estão bem, minha família está, minhas irmãs, meus sobrinhos, as pessoas que eu gosto, o meu entorno estão bem, estão com saúde e isso, para mim, é o que basta. Eu trabalho no que eu gosto, não me veria fazendo outra coisa. Não me vejo, gente. Se eu não fosse professor



de história, sei lá, acho que seria chefe de cozinha, porque eu adoro cozinhar, adoro pilotar fogão, inventar, sabe? Gosto, gosto mesmo. Outra coisa que talvez eu seria, caminhoneiro, porque eu gosto de estrada, gosto de viajar. É, por aí. Então, o Gleudson Passos é um homem muito simples, que gosta das coisas simples e que é muito direto.

BBAL - *Por fim, qual sugestão/conselho você daria para quem decidiu iniciar o curso de História?*

GPC - Rapaz, se entregue, se jogue de cabeça no curso. O que os professores falarem para você fazer, faça. Em termos de pesquisa, em termos de conhecer, ler. Se o professor diz: “olha, leia esse texto aqui”, leia esse texto. Se o professor falar “olha, vai para tal lugar, arquivo”, vá. Se permita entrar na monitoria, na iniciação científica, no PET. O PET, para mim, é tudo. O PET é extensão, é pesquisa e é ensino. Quem tem PET, meu amigo, você tem formação completa, tripé da universidade. Participa de projetos de extensão. Se envolva, cara.

Você se entregando ao curso, ao cotidiano, à vida acadêmica, você vai sair com a formação e você vai poder dizer que, olha, eu fiz faculdade, eu fiz universidade. Porque, do contrário, você só vai assistir aula, vai ler os textos, vai apresentar um seminário, todo mundo vai aplaudir e depois você vai para casa. Aí é muito chato isso. Eu vivi bem a minha universidade. Graduação, mestrado, muito demais. Foram só dois anos, mas foram muito intensos.

O doutorado foi um período mais sossegado, porque eu pude estar no Rio e pude estar em Fortaleza, dois lugares ao mesmo tempo. Revezando. O pós-doutorado, mais suave ainda. Eu fui lá apenas para confirmar e pegar alguma documentação que eu já havia localizado pela internet. Então eu vejo que é você se dedicar, se envolver, se permitir a conhecer, se quebrar a cara, se permitir a retomar o caminho, mas não desistir. A questão é essa, não desistir. E outra, o famoso papo reto, não pense que você está fazendo curso de história em Sorbonne, em Exeter, Oxford, nessas universidades estrangeiras, Frankfurt. Não, você está no Ceará, cara, você vai estar na sala de aula. Historiador, é muito difícil o historiador viver de pesquisa no Brasil. É raro, eu não conheço. Se você conhecer, me



apresente. Só os aposentados. Mas já passaram pela sala de aula. Então, sala de aula é desafio.

Ah, é porque a sala de aula é muito complicada, não sei o quê, parará. Gente, todo trabalho é complicado, tem os seus desafios. A sala de aula tem muitos. Aí é uma questão de escolha, de você escolher aquilo e procurar se aprimorar onde você está com esses desafios. Mas, como falei, eu não conseguiria me ver em outra realidade se não fosse professor de história. Professor de história, pesquisador no campo da história. Não veria, a não ser essas que já falei, chefe de cozinha, gastronomia. Alguma coisa que me fizesse, me desse a oportunidade de criar e também de circular, de andar.

A história me permite circular por vários espaços sem sair de casa. Aqui (referência a própria biblioteca dele) Isso aqui tudo. Nossa, eu vou para a Península Ibérica no século XI aqui. Aqui eu vou para a Sociedade do Altiplano Peruano antes da chegada dos espanhóis. Então, aqui eu estou tranquilo.